



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

**11º CONAD EXTRAORDINÁRIO**

27 de março e 03 de abril de 2021 – *On-line*

**MOÇÃO 01**

**Proponente(s):** Diretoria Nacional do ANDES-SN

**Destinatário(a)(s):** Gabinete da Presidência da República, Ministério da Defesa, Ministério Público Federal, Procuradoria Geral da República, Advocacia Geral da União, Presidência do Congresso Nacional, Presidência da Câmara dos Deputados, Presidência do Supremo Tribunal Federal, Ordem dos Advogados do Brasil

**Fato motivador da Moção:** As declarações do Ministro da Defesa de que o dia 31 de março deveria ser celebrado.

### **MOÇÃO DE EM REPÚDIO AOS ASSASSINOS DA MEMÓRIA**

O(A)s delegado(a)s presentes ao 11º CONAD Extraordinário do ANDES-SINDICATO NACIONAL, realizado *On-line*, nos dias 27 de março e 3 de abril de 2021, manifestam que com 3.950 mortos em apenas um dia e o total de mais de 300 mil vitimados pelo Coronavírus, o 31 de março que tão tetricamente passou, somou à memória das vítimas da ditadura militar a tragédia vívida do colapso sanitário e do descaso desde o Planalto Central com o flagelo daqueles que morrem à espera de leitos de UTI, agonizam sem respiradores e têm dificuldades até mesmo para conseguir um simples diagnóstico.

Trata-se de um 31 de março bastante distinto e não apenas pelo luto perene em que vivemos já há um ano; mas também porque a memória da violência política e a história de vida de vítimas e sobreviventes da ditadura militar têm sido cada vez mais vilipendiadas por aquele(a)s que negam ter havido ditadura, enquanto exaltam os meios comuns a poderes ditatoriais na perseguição à dissidências: a censura, a tortura, os desaparecimentos forçados, os assassinatos, os esquadrões da morte, os cemitérios clandestinos e outros monstros que jamais regressaram à caixa aberta no fatídico ano de 1964.

Os assassinos da memória têm propósito ao exaltar o período de regime militar, ao negá-lo como ditadura, ao relativizar violências e afirmar que o tratamento das liberdades democráticas teve como objetivo a “defesa da democracia”: legitimar o recrudescimento do autoritarismo político e a escalada da repressão, no tempo presente, com o assentamento da extrema-direita no poder. É no tempo pretérito que as legitimidades para o presente da nossa existência são buscadas, por isso a disputa pelo passado tanto importa!

A violação sistemática de direitos, a destruição dos sistemas públicos e a agenda dos costumes que tem composto a superestrutura ideológica que pretende a legitimação de uma mais brutal hiperexploração da força de trabalho na infraestrutura econômica, prescindem do restabelecimento, em termos intelectuais e morais, da ditadura civil-militar que se estendeu de 1964 até 1985.



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

**11º CONAD EXTRAORDINÁRIO**

27 de março e 03 de abril de 2021 – *On-line*

Referir o 31 de março de 1964 como “revolução” ou “movimento”, sínteses simplistas do negacionismo histórico, é exaltar o arbítrio e a violência, ocultando os profundos rasgos, muitos deles ainda abertos na nossa tessitura social, produzidos pelo golpe.

Nas ruas, no último 31 de março, não por acaso aqueles poucos que celebraram o golpe de 1964 (em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba) bradavam também palavras de ordem em defesa do presidente Jair Bolsonaro, ícone do negacionismo, exaltador de torturadores e afeito à violência como forma de consecução da política. A exaltação da violência de outrora se pretende a veste da legitimidade da violência política no presente!

Ainda sobre a quarta-feira última, grupos que protagonizaram a Marcha da Família Cristã pela Liberdade pediam, de joelhos, envoltos no Pavilhão Nacional e defronte a comandos militares, “intervenção militar com Bolsonaro no poder”, enquanto defendiam o fechamento do Supremo Tribunal Federal e das casas do Congresso. Essa é a base de apoio do presidente! Esse é o bolsonarismo!

Mas das atrocidades ditas e que violentam a memória de tantas vítimas, aquela que mais inflama a nossa justa indignação é a que fora dita, em tom oficial, pelo General Braga Netto, novo ministro da Defesa, quando afirmou que o 31 de março deveria ser celebrado.

Tentando apagar a própria história, o militar atribuiu ao regime que perseguiu, censurou, torturou e assassinou, o feito da “pacificação do país”, no onírico e fantasioso mundo das suas equivocadas e cínicas convicções.

Já se foram 57 anos e esse passado permanece! Não apenas porque pretendem os assassinos da memória perpetuar violências tão comuns aos aparelhos repressores, mas porque os símbolos da díade violência/obediência são poderosíssimos instrumentos para aqueles entorpecidos pelo poder e que têm como propósito mover o Estado Policial de repressão permanente contra toda e qualquer possibilidade de assenso da classe trabalhadora, na luta por direitos, enquanto a marcha da contrarreforma do Estado segue o compasso acelerado da destruição de direitos.

Nosso combate em defesa da memória não desloca o campo da luta política apenas para o passado: os nossos pés estão cravados no tempo e na realidade concreta do presente onde o passado se encontra infiltrado e é preciso, nele, recuperar silenciamentos e gritos das tantas vozes sufocadas. Isso porque pretendem esses facínoras que as mordanças voltem a sufocar.

Não calaremos!

Ditadura nunca mais!



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

**11º CONAD EXTRAORDINÁRIO**

27 de março e 03 de abril de 2021 – *On-line*

Presentes todo(a)s aquele(a)s que tombaram! É em sua memória que o ânimo para as lutas do presente nos dá vigor!